
O Desenho de Humor no Jornalismo impresso Apresentado Através das Capas da Revista Brasileira Piauí¹

Vanessa Silva Cutruneo²

Mariceia Benetti³

Uniritter, Porto Alegre, RS.

RESUMO

O presente artigo buscou verificar qual a função do humor no jornalismo impresso através das capas da revista Piauí entre abril de 2017 e abril de 2018. Outro aspecto explorado no trabalho foi a identificação da forma de comunicar do impresso e o formato de humor apresentado nos desenhos gráficos das capas. Através do modelo de análise da retórica da imagem, da análise qualitativa e da Semiologia foi possível interpretar os conteúdos não-verbais e outros elementos presentes nas capas. Desta forma, pode-se concluir após análise semiológica, a relevância do desenho de humor no jornalismo impresso do periódico.

PALAVRAS-CHAVE: humor; caricatura; charge; semiologia; jornalismo impresso.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi baseado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado O Desenho de humor no jornalismo impresso apresentado através das capas da Revista brasileira Piauí, em 2018, na Uniritter. Por meio do TCC, surgiu a ideia de escrever um artigo, visando discutir a importância que o desenho de humor gráfico (charge e caricatura) tem no jornalismo impresso, utilizado para contar as principais notícias do cenário político brasileiro atual, com o auxílio do jornalismo literário.

A charge e a caricatura, expressões artísticas do humor, foram elementos

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Uniritter, e-mail: cutruneov@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Uniritter, e-mail: mariceia_benetti@uniritter.edu.br

incorporados ao impresso como recurso estético e até mesmo político. Desta forma, o tema deste trabalho foi escolhido em razão da existência do humor no jornalismo impresso, mostrando-se um recurso útil e acessível a todo e qualquer tipo de público leitor.

O tema e a delimitação escolhidos para o projeto foi o desenho de humor no jornalismo impresso, realizado por meio de uma análise semiológica das capas da revista Piauí, levando em consideração a importância e a força que este elemento gráfico possui ao comunicar o seu público.

O objetivo do trabalho é analisar a forma como o humor das capas da revista impressa comunicam, além de identificar qual o formato de humor apresentado nessas capas. A metodologia foi definida como semiologia, a fim de analisar a mensagem que as capas levam ao leitor por meio dos signos apresentados, além de identificar o formato de humor desse periódico.

O objeto da análise foram capas da revista Piauí a partir de abril de 2017 até abril de 2018, ano que suscitou e deu continuidade as investigações de uma série de escândalos de corrupção envolvendo parlamentares, que foram julgados no maior esquema de corrupção do país, a Operação Lava Jato, além de ter resultado em outras investigações em diferentes autarquias do poder, e também o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. No trabalho de conclusão de curso foram analisadas seis capas da revista, porém, aqui, em função do espaço, optou-se por trabalhar com duas capas.

Para colocar em prática as técnicas foi aplicado o modelo de análise semiológica com base na Retórica da Imagem, de Roland Barthes. O artigo é dividido em três seções. A primeira apresenta a história do humor no jornalismo impresso e sua importância dentro da narrativa jornalística. A segunda traz o gênero jornalístico em que se enquadra a charge e sua contribuição para o entendimento do público. Por fim, na terceira seção apresentam-se as técnicas aplicadas para analisar as capas da revista.

2 HUMOR

A tendência ao cômico parece, com efeito, profundamente enraizada na natureza humana, sendo um dos primeiros sentimentos desenvolvidos pelas sociedades ainda em estado bárbaro, como aponta Fonseca (1999). Para ele, mesmo antes dos povos sonharem em cultivar a literatura ou as artes, era diversão para os guerreiros levar seus inimigos ao escárnio, rindo de suas fraquezas, ridicularizando seus defeitos físicos ou intelectuais.

Georges Minois (2003) afirma que o humor é estudado há séculos e que o riso esconde seu mistério. O autor reforça o fato de ninguém ter conseguido explicar exatamente se ri-se por que alguma coisa engraçada causa esta reação. Porém o humor reflete o prazer que o homem tem de rir, tanto de si mesmo quanto da sociedade que ele construiu, afirma Minois (2003).

De acordo com Fonseca (1999), Aristóteles definiu o humor como "alguma coisa cômica que contenha algum defeito ou fealdade que não seja dolorosa ou destrutiva". De acordo com Fonseca (1999), Freud explica que o prazer do humor depende de uma libertação de tendências reprimidas no comportamento humano. Segundo Freud, "o humor é um meio de conseguir prazer apesar dos sentimentos dolorosos que a ele se opõe e aparece em substituição aos mesmos" (FREUD, 1927 *apud* FONSECA, 1999, p. 22).

Segundo Vinícius Liebel (2005), a dicotomia do riso aparece da mesma forma que a sátira a Hitler, que pode promover a perda do medo nele e, conseqüentemente, a perda do medo do perigo que ele ou a Igreja podem representar, ou seja, o riso pode trazer, da mesma forma, a opressão, fazendo crescer a fraqueza e a vulnerabilidade.

Essa dinâmica trazida até nós pela teoria freudiana de humor. Nela, o psicanalista austríaco defende que o riso seria um liberador das emoções reprimidas. Desta forma, por trazer o prazer da liberação do *stress* emocional, o riso seria uma manifestação individual e egoísta (LIEBEL, 2005, p. 5).

Liebel (2005) faz apontamento à opinião de Bergson (2001), que a sociedade é moldada por um imaginário que é influenciado pelos jornais, e, também, pelas charges neles veiculadas. Assim como rir de uma ação de um indivíduo traz uma série de frustrações ao seu inconsciente e leva-o a tentar se modificar, o rir de um político, de uma ação ou de um agente de poder mina a autoridade que este exerce sobre a população e sobre o imaginário.

2.1 CARICATURA

A origem semântica da palavra caricatura vem do italiano *caricare*, cujo significado é carregar, exagerar, o que na caricatura corresponde por ridicularizar, criticar, satirizar (FONSECA, 1999). Para José Marques de Melo (2003), a caricatura significa a forma de expressão artística através do desenho, que tem por fim provocar risos.

O teórico Robert de la Sizeranne (1898) divide a evolução da história da caricatura em três grandes fases: **simbolista, deformante e grotesca e característica**. A primeira fase, a simbolista, ocorreu quando os egípcios recorriam aos animais para representarem o caráter das pessoas. Já a fase deformante ocorreu na Idade Média. Nela a caricatura passa a ser deformante e grotesca e segue assim até o Renascimento. Este tipo de caricatura foi marcada pelo desequilíbrio nos traços físicos das pessoas e o intuito era alcançar a fealdade, provocando, assim, o riso do receptor. De acordo com Sizeranne (1898), faziam-se as pessoas feias e ridículas com o propósito de ensiná-las a serem melhores. O autor acredita que a caricatura compreendida dessa maneira servia apenas como meio de chegar ao riso para assustar as pessoas. A última fase da caricatura, para Sizerane (1898), teve início quando os artistas se dedicaram apenas à caricatura. Onde o artista caracterizava alguns gestos, observava fisionomias e atitudes para resumir uma situação. A fase grotesca do desenho de humor havia adormecido.

3 CHARGE COMO MEIO DE COMUNICAR

Os gêneros jornalísticos correspondem a determinados modelos de interpretação e apropriação da realidade por meio de linguagens. A linguagem verbal escrita é a mais importante das linguagens usadas no jornalismo, porém não se pode ignorar a linguagem das imagens e a convergência estrutural de ambas, de acordo com Sousa (2001).

A charge faz parte de um gênero jornalístico do impresso derivado da caricatura (desenho exagerado e satírico), onde são representadas pessoas que tenham ligação a um determinado tema, afirma Melo (2003). Laura Almeida (2006) também observa que o desenho da charge e da caricatura estão entre os gêneros jornalísticos, englobando o gênero de opinião. A autora argumenta que os desenhos estão inseridos na mesma página de editoriais, comentários e artigos, o que colabora para o pensamento de que os desenhos

de humor gráfico sejam tão ou mais importantes do que a linguagem escrita no gênero de opinião. Segundo Sousa (2001), alguns *cartoons* podem ser considerados como um gênero jornalístico opinativo ou analítico. São eles os *cartoons* editoriais, aqueles que aparecem diariamente nos jornais e que procuram, geralmente, representar de forma crítica e humorística situações da atualidade, tendo por objetivo opinar e interpretar a realidade social, transmitindo sobre ela um determinado ponto de vista.

Segundo Israel Foguel (2016), a charge faz uma crítica sarcástica de acontecimentos atuais, geralmente na esfera política, a fim de demonstrar indignação e insatisfação com a situação vigente. Melo (2003) pensa de uma forma bem similar, quando afirma que a charge é uma crítica humorística de um fato ou acontecimento, servindo de reprodução gráfica de uma notícia familiar ao público, além de ser capaz de transmitir a informação de forma lúdica e de fácil compreensão e interpretação.

Para Albuquerque e Oliveira (2008), a charge traz o registro do vivenciado, do flagrado, com o intuito de divulgar informações a partir dos interesses de quem as produziu. Para o autor, estudar e indagar o seu conteúdo tem por objetivo identificar os jogos de interesses que se cruzam na esfera política, indicando as intenções de se lidar com a memória e a história.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia definida para trabalhar a análise de dados da presente pesquisa foi a semiologia, e os métodos de análise semiológica foram baseados nos seguintes autores: Barthes (1964, 1990, 2001), Saussure (1957), Félix (2008) e Ramos (1978).

O termo semiologia tem ligação com a raiz do significado de semiótica e teve origem no quadro de linguísticas de Saussure (FÉLIX, 2008). A semiologia começou a ganhar notoriedade na França a partir da década de 1950. Segundo Ramos (1978), a semiologia apresentava grande influência na sociedade, pois estava repleta da carga dos signos de Saussure.

Barthes (1956) explica que a Semiologia demanda da relação entre dois termos - um significante e um significado - e que a associação de ambos resulta no signo. “Todo o signo funciona como um discurso, isto é, como um conjunto de signos que se entrelaçam” (FÉLIX, 2008, p.20). Esse é o conceito de Barthes, pois afirma que os signos só existem na medida em que são reconhecidos e se repetem.

De acordo com Félix (2008), a imagem de um objeto está ligada à mensagem que se percebe desse mesmo objeto, que tem como função o signo. Trata-se de um processo contínuo, em que a imagem é vista e interpretada pelo observador, que, por sua vez, é informado pela imagem do objeto que esse olhar, ao focá-la, transformou em algum significado que fizesse sentido.

Segundo o modelo de Barthes, parte-se para a análise da imagem, que apresenta dois tipos de mensagens: conotada e a denotada. Na mensagem conotada, encontra-se os aspectos simbólicos dos desenhos de humor. A mensagem denotada é a representação pura das imagens, apresentando os elementos reais que façam algum sentido ao receptor. O nível denotativo da imagem inclui a percepção e o conhecimento cultural do receptor, que permite o reconhecimento das representações gráficas.

Compreende-se como retórica da imagem, as possibilidades de leitura de uma mesma imagem poderem ser variáveis, dependendo do indivíduo que está analisando (BARTHES, 1990).

5 ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa utilizou o modelo de análise Retórica da Imagem, abrangendo duas de três fases do método de análise de Roland Barthes (1996): a **segunda fase**, que consiste na análise denotativa e conotativa e a **terceira fase** de análise, que diz respeito à análise ideológica, a qual possui o mesmo processo e os mesmos objetivos da discussão da pesquisa. Desta forma, as duas últimas etapas foram realizadas conjuntamente. A **primeira fase** de análise, a linguística, não será analisada, pois, neste caso, como se trata de desenhos gráficos de humor, será trabalhado apenas o desenho conotado e denotado. A capa da revista apresenta caricaturas relacionadas aos últimos acontecimentos do mês, porém não necessariamente traz na capa o desenho de chamada para uma reportagem no conteúdo interno do periódico. E o modelo de análise é o que segue:

Primeiro passo: Imagem linguística – condução e/ou fixação do conteúdo da cena. Este passo não se aplica a esta pesquisa, pois serão analisados desenhos de humor e não textos.

Segundo passo: Imagem denotada e conotada – análise do primeiro sentido da imagem da capa e das metáforas/produções de sentido que ela apresenta.

Terceiro passo: Análise ideológica – trazendo o posicionamento e argumentos da

pesquisadora diante das análises realizadas, baseando-se no seu conhecimento. Este passo será realizado junto a discussão da pesquisa, pois ambos se complementam na sua construção.

1ª Análise: Capa Revista Piauí Ed. 128.

2º passo - Análise denotativa e conotativa da imagem

Figura 1 - Primeira Missa no Brasil x Operação Lava Jato



Fonte: Revista *Piauí*

Quadro 1 - Análise denotativa e conotativa da imagem da edição 128.

ANÁLISE DENOTATIVA	ANÁLISE CONOTATIVA
<p>Edição 128 da Revista <i>Piauí</i> recebida em maio de 2017. No canto superior esquerdo consta o logotipo da marca <i>Piauí</i>, e logo abaixo em sentido vertical, constam as chamadas para as reportagens que estão na revista.</p> <p>Na edição 128, a capa de autoria de Nadia Khuzina traz caricatura, que faz referência ao quadro de Victor Meirelles (pintor brasileiro), exposto em 1861, em Paris, onde tenta retratar a primeira missa no Brasil, conforme descrição na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal Dom Manoel I. Os personagens retratados na tela de Meirelles são derivados dessa carta, em que ele descreve como foi o processo de conquista das novas terras descobertas pelas Expedições Marítimas. Originalmente, no centro da pintura consta o corpo eclesiástico, uma cruz (símbolo do catolicismo), onde o frei Dom Henrique de Coimbra celebra a missa, junto a outros franciscanos. À esquerda da obra pode-se notar a presença de nativos da nova terra, os índios como figuras selvagens e submissas. A direita, próximo ao mar, pode-se notar as figuras de pessoas acostumadas com o rito da celebração, pois se encontram ajoelhadas diante do elemento central, a cruz. A obra original encontra-se no Anexo II, deste trabalho.</p>	<p>Na edição 128 da Revista <i>Piauí</i> observa-se, que a caricaturista bebe das informações da pintura histórica, para representar o julgamento da Operação Lava Jato, fazendo alusão ao quadro <i>Primeira Missa</i> (1861), do brasileiro Victor Meirelles.</p> <p>Dom Henrique é representado pelo Juiz Federal Sérgio Moro, responsável pela celebração e pelo julgamento das pessoas envolvidas na Operação. Logo atrás da figura nota-se a presença de Rodrigo Janot (Procurador-Geral da República), e ao lado da cruz, Luiz Fachin (Ministro do Supremo Tribunal Federal), além de Deltan Dallagnol (Procurador do Ministério Público). Todos os membros do poder judiciário estão representados como membros eclesiásticos, porém vestem togas pretas (referenciando à justiça) conotando hierarquia em relação às demais figuras representadas na caricatura, além de conotar a ação de auxílio.</p> <p>À direita da ilustração, observa-se a presença de membros da esquadra marítima portuguesa, próximo ao mar, conotando a mensagem de que são estrangeiros, vindos de fora daquele lugar, ou seja não são políticos ou membros de um dos Poderes do Estado. Os nativos da nova terra encontram-se ao redor das figuras centrais. Eles representam respectivamente o Poder Executivo, contando com a presença dos ex-presidentes da República, Dilma Rousseff, Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, além do atual presidente Michel Temer, que veste um penacho na cabeça, conotando alto poder dentro da tribo em que a figura está inserida. O ex-presidente, FHC está distante dos</p>

	<p>demais, localizado à direita da ilustração, em cima de uma árvore, observando o rito litúrgico, conotando uma visão e posicionamento privilegiados, embora também esteja retratado como índio, não somente por ter sido presidente, mas talvez por também poder ser delatado durante a Operação Lava Jato.</p> <p>À direita, a frota marítima da coroa portuguesa é representada pelos delatores da Operação Lava-Jato, sendo eles: Antônio Palocci (ex-ministro) e José Dirceu (ex-ministro), além dos marqueteiros do Partido dos Trabalhadores (PT) João Santana e Mônica Santana, e os empresários Marcelo Odebrecht e Léo Pinheiro (sócio da Construtora OAS). Nesta capa observa-se uma forte ligação e até mesmo subordinação do Judiciário, em relação à religião católica, representada pelo elemento da cruz no desenho. A cruz, neste caso, seria uma espécie de bandeira afixada a fim de demarcar território e mostrar autoridade, conotando que o Judiciário resolverá todas as questões, assim como a fé.</p> <p>Os Poderes legislativo e executivo são retratados como uma população primitiva – indígena. Lembrando que na constituição o índio não tem direitos como cidadão. Apenas FHC tem um lugar privilegiado, mas ainda assim é representado como um indígena, logo pode sofrer retaliações.</p>
--	---

Fonte: A autora (2018).

2ª Análise: Capa Revista Piauí Ed. 138.

2º passo - Análise denotativa e conotativa da imagem.

Figura 2 - Golpe Militar no Chile x Intervenção Miliar na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Revista *Piauí*

Gráfico 2 - Análise denotativa e conotativa da imagem da edição 138

ANÁLISE DENOTATIVA	ANÁLISE CONOTATIVA
<p>Edição 138 da Revista <i>Piauí</i>, recebida em abril de 2018, faz alusão a um retrato do dia em que foi instaurada a Ditadura Militar Chilena, no dia 11 de setembro de 1973, e que se estendeu até o ano de 1990. A foto original trazia o ditador e general chileno, Augusto Pinochet e sua junta militar. Assim como na foto original, a ilustração está em tons de cinza e uniformes que remetem ao exército dos anos 1970, de acordo com o tipo de patente e insígnias nas vestes da época. No general retratado à direita da ilustração, há uma chupeta pendurada. Na figura atrás de todas, mostra-se um general austero, porém que debocha nas costas de um outro general.</p>	<p>Observa-se nesta edição, que a caricatura faz alusão à junta militar de Pinochet, para ilustrar a política dos generais no Brasil, onde o governo decretou a ação do exército no estado do Rio de Janeiro, com o consentimento do governador, Pezão, que está localizado à direita na figura e se mostra compassivo à ação.</p> <p>Por outro lado, à esquerda da figura, destaca-se o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, que parece não estar muito satisfeito com a intervenção. Atrás do presidente Temer está o ministro de Minas e Energia Moreira Franco, atrás dele encontra-se o Ministro da Defesa Raul Jungmann, que faz um gesto infantilizado com a mão atrás da cabeça do presidente da Câmara dos Deputados. Jungmann e Maia não tem histórico de clima amistoso, tanto que o presidente não compareceu à posse do ministro. Nesta capa fica claro que a revista enxerga a política brasileira como uma política autoritária, assim como é autoritário um governo ditatorial. E, ao mesmo, tempo infantil.</p>

Fonte: A autora (2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de seis capas da Revista *Piauí*, após acompanhamento de um ano, é possível dizer que os desenhos de humor são construídos a partir de referências estéticas ligadas a cultura de forma geral. Dessa maneira, o modo como foram caracterizados contribui para que o público leitor entenda, de forma diferenciada, a mensagem crítica através da sátira, que o impresso procura passar.

As imagens analisadas foram desenhadas pela caricaturista russa, Nadia Khuzina. Segundo Melo (2003), este tipo de humor gráfico possui grande audiência, pois é capaz de

transmitir a informação através da sátira, o que gera um conteúdo de fácil compreensão e interpretação.

Com base nos resultados das análises denotativa e conotativa, percebe-se que a revista *Piauí* investiu em assuntos relacionados à política brasileira. O conteúdo é bem específico, para um público que tenha referências literárias, das artes em geral, da política e etc. A representação do político nas charges da revista é feita de forma que os ridicularize e os denuncie.

Desta forma, depois da análise das capas da Revista *Piauí* após um ano, pode-se perceber que o estilo de caricatura das charges de capa derivam da terceira fase da história da caricatura, a característica. Segundo Sizeranne (1898), o artista faz uma caricatura como um falante faz o uso de uma palavra para resumir uma situação ou ideia. Para ele, o objetivo não é mais fazer as pessoas rirem pela sátira, mas atacar pela verdade.

Existem inúmeras revistas e jornais que tratam do mesmo tipo de assunto, muitas vezes as chamadas de capa são bem similares e o que distingue uma notícia da outra, sem dúvidas, é a informação gráfica da capa, suas fotos ou desenhos. Desta forma, a capa de uma revista é de extrema importância, conforme citado por Scalzo (2013), pois é através dela que o leitor decidirá se consumirá ou não o seu conteúdo.

Acredita-se que a estratégia da revista seja motivar o interesse do leitor em revisitar suas referências pessoais, pesquisar sobre algum elemento e sobre as últimas notícias do cenário político nas últimas semanas que antecederam a edição. Nesse cenário, instigar o leitor a pensar e a questionar possibilita uma forma de educação política e de não conformismo. Desta forma, a charge serve como elemento de exploração para elevar o grau de conhecimento de seu público-alvo e, ao mesmo tempo, de informação jornalística. Por fim, compreende-se que o impresso informa seus leitores de forma mais eficaz, lúdica e interessante através das charges, aliando conhecimento e humor. Assim, conclui-se que o presente trabalho é relevante para o debate sobre o desenho de humor na mídia como agente de comunicação social de grande importância ao acender o debate político de qualidade no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, D.L.S.G; OLIVEIRA, T. A. S. A anatomia da charge numa perspectiva de revolução sócio histórica. In: II Simpósio em Hipertexto e Tecnologia na Educação - Multimodalidade e Ensino, 2008, Recife. **Anais...** NEHTE: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação: do cão de guarda ao mobilizador de audiência**. São Paulo: Insular, 2014.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FÉLIX, Ana Elisabeth A.S. **A semiologia dos discursos da publicidade**. Piauí, 2008.
- FREUD, Sigmund. **O Chiste e sua relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FOGUEL, Israel. **A magia da nona arte**. São Paulo: Clube dos Autores, 2016.
- FONSECA, Joaquim. **Caricatura – A imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Oficina, 1999.
- LIEBEL, Vínicius. **Humor gráfico – apontamentos sobre a análise das charges na História**. In: XXXIII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Londrina, 2005.
- MELO, José Marques; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Revista Intercom**, São Paulo, v.39, n.1, p. 39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>>.
- MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.
- SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SIZERANNE, Robert de La. Qu'est-ce que La caricature? **Revue des Mondes**, v. 4, n. 149, França, p. 595-630, 1898.
- SOUZA, Robson Sávio Reis Souza. **O “quarto poder” se assanha**. Observatório da Imprensa, 31 dez. 2012. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed727_o_quarto_poder_se_assanha/>.